

A PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MONTEIRO - PB ACERCA DA ALGAROBEIRA

Maria Elisângela Ferreira da Gama - UPE

e-mail: elligama@hotmail.com

Profa. Dra. Maria Betânia M. Amador - UPE

RESUMO

Aborda-se o assunto com ênfase na percepção que os habitantes do município de Monteiro - PB deixaram transparecer acerca da algarobeira, enquanto elemento da paisagem. Fundamentalmente, trata-se de um trabalho de pesquisa com base em revisão de literatura associado às observações realizadas *in locu*, juntamente com a apreensão das histórias de vida, método que foi eixo norteador da coleta de dados, com intuito de perceber o significado que a algarobeira deixou transparecer para população do cariri paraibano ao longo desses, aproximadamente, 70 anos de sua implantação no município. Logo, com base na paisagem e na apreensão e interpretação das histórias de vida, permitiu-se refletir sobre a multiplicidade de singularidades presentes nessas paisagens mescladas por algarobeiras.

Palavras-chave: Percepção. Histórias de Vida. Algaroba.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, procura-se tecer algumas considerações sobre a percepção que os habitantes de Monteiro - PB deixaram transparecer acerca dos plantios de algarobeiras no Cariri Paraibano. O marco histórico da implantação dessa exótica no nordeste é considerado a década de 1940. Sendo assim, as primeiras mudas introduzidas no município de Monteiro - PB foram trazidas de Arcoverde, originadas do Peru, através do Instituto Agrônomo de Pernambuco e de iniciativa da prefeitura para serem distribuídas com os agricultores da região iniciando-se, assim, o processo de reflorestamento dessa região com a algarobeira. (Depoimento do Sr. Jonildo Torres, 2010),

Esse município situa-se na Mesorregião da Borborema, Microrregião do Cariri Ocidental do estado da Paraíba (Figura 1). Monteiro possui área de 986 km², o que corresponde a 1,7476% do Estado. Dista da capital João Pessoa cerca de 260 km com acesso rodoviário pelas BR 230 e 412.

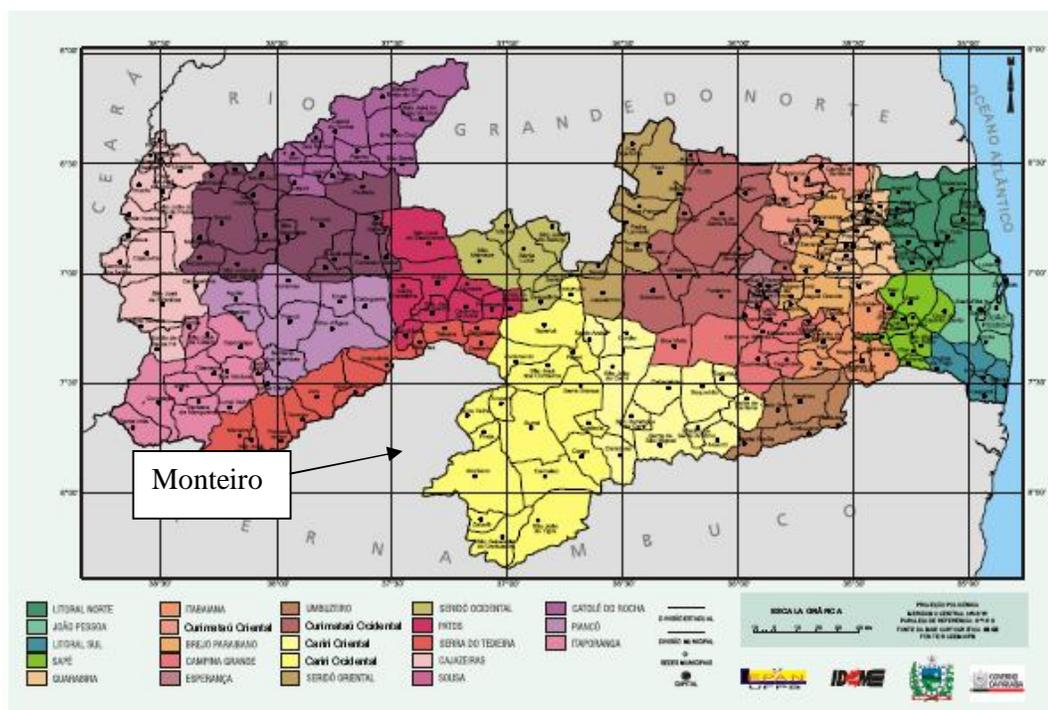


Figura 1. Localização do Município de Monteiro na Microrregião do Cariri Ocidental no Estado da Paraíba. (Fonte: <http://www.ideme.pb.br/index.php>).

A sede municipal apresenta altitude aproximada de 599 metros. Sua história aponta para uma formação político-administrativa a partir de uma área de criação de gado, na qual em fins do século XVIII, algumas famílias lá se estabeleceram inclusive a de Manoel Monteiro do Nascimento que, segundo a versão mais conhecida, deu origem ao nome do município pelo fato de ter desmembrado sua fazenda para construir uma capela em louvor a Nossa Senhora das Dores, distante 300 metros da margem do Rio Paraíba. Com este ato, deu-se início a formação de Monteiro que se tornou município em 1872. A outra versão é que “foi uma mulher que deu o nome ao município e à paróquia” (RIETVELD, 2002, p. 50), devido o Manoel Monteiro do Nascimento ter herdado o sobrenome **Monteiro** de sua mãe Donna Catharina Monteiro da Rocha.

Retomando-se o foco do artigo, verificou-se que no decorrer dos anos desde sua implantação até os dias atuais, as concepções captadas pelos relatos orais dos residentes acerca dos plantios de algarobeira na paisagem do semiárido nordestino, não permaneceu imutável e estática, e sim acompanhou um movimento evolutivo acerca de sua implantação ocasionada pelas transformações existentes no presente. Ou seja, envolvendo direta ou indiretamente, as pluralidades encontradas nas diferentes concepções que emanam do seio da população residente nas áreas com algarobeira. As recentes opiniões e questionamentos sobre essa exótica tanto no meio rural como urbano, permitiu

que a partir da análise dessas opiniões se perceber os significados/percepção dessa exótica no semi-árido nordestino, principalmente no Cariri Paraibano, área de estudo da referida pesquisa, bem como compreender que existem múltiplos significados evidenciados nas áreas mescladas por algarobeira.

A partir da revisão de literatura disponível, notou-se que algarobeira ao ser introduzida no semi-árido nordestino, especificamente em Monteiro - PB (Figura 2) passava vários significados para população local, inclusive foi possível notar que a partir de meados da década de 1940, ela era vista apenas como benéfica ou seja, para os residentes locais ela tinha a conotação de salvadora do Cariri Paraibano, uma vez que essa exótica tinha o poder de permanecer verde e frutificando durante as épocas de estiagem acreditando-se assim, que esta tinha o dom de transformar a paisagem cinza do semi-árido nordestino em verde (SILVA apud AMADOR, 2007).



Figura 2. Algarobeiras na área urbana de Monteiro - PB (Foto: Betânia Amador, 2009).

Porém, nos dias atuais, através da coleta de histórias de vidas destes residentes acerca das áreas algarobadas realizadas durante as visitas *in locu*, notou-se que há uma pequena divergência acerca dos benefícios/malefícios provenientes dessa exótica. Ora ela é vista como causadora de doenças nos animais, a exemplo “a língua de pau”; alguns acreditam que ela retira a umidade do ar, além de necessitar de água e assim buscar onde tiver como no caso específico o ar atmosférico resultando em impactos tipo acabar com algumas fontes de água próximas de seu plantio, como também onde ela é plantada causa o impedimento de que outro tipo de vegetação se estabeleça, uma vez que a mesma absorve todo nutriente do solo deixando-o pobre, logo as pessoas questionadas durante a coleta de dados acreditam que onde existe esses plantios, também há um empobrecimento radical da fauna. Por outro lado, a algarobeira é vista pela, maior parte dos entrevistados como benéfica, uma vez que a mesma adaptou-se ao clima da região e trouxe aos criadores de ruminantes e de animais de pequeno porte como ovinos e caprinos, alimento de qualidade para os rebanhos, além de ter a função de protetora do solo visto que, após a retirada da cultura do algodão e da cana

de açúcar dessa região, além da retirada da mata ciliar do Rio Paraíba, utilizou-se essa exótica invasora na recomposição florística destas áreas fazendo com que ela contribuísse para evitar que esses solos fossem erodidos (Figura 3).



Figura 3. Algarobeira na área rural de Monteiro - PB (Propriedade Laranjeiras) (Foto: Betânia Amador, 2010).

O uso da técnica “história de vida”.

As percepções dos sujeitos, baseados em suas “histórias de vida” foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que através deste método foi possível chegar aos aspectos do cotidiano dos sujeitos que habitam em torno das áreas algarobadas. Deste modo, por meio dos símbolos, torna-se evidente a significação que a algaroba deixa transparecer sobre seus benefícios/malefícios, para os habitantes de Monteiro atualmente. Sendo assim, a utilização dessa técnica veio permitir que se captasse o que aconteceu e acontece nas interações do sujeito com o meio em que habitam via percepção. Dessa forma, o subjetivismo inerente ao processo de apreensão das sensações tanto por parte dos entrevistados, quanto por parte da pesquisadora permitiu refletir sobre quais elementos do presente fundem-se com as evocações passadas da área de estudo. Passa-se então, a perceber que as vivências que foram retratadas através dos relatos orais desses sujeitos residentes no semi-árido nordestino, mostraram como ao longo do tempo essas significações, percebidas através do símbolo que se admite no caso específico como algarobeira, foram sendo constituídas e transformadas.

Meihy (1996) considera que a história de vida constitui-se numa metodologia que trata a narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa. Diante do exposto, nota-se que se trata de um tipo de busca que visa a utilização de fontes orais em diferentes propósitos, para adquirir um melhor entendimento sobre a percepção que os habitantes têm e, de apreender-se os aspectos sociais/ambientais que estão marcados em sua memória, auxiliando deste modo, numa melhor interpretação da compreensão do modo como estes registram em suas memórias os

processos constituintes da significação/percepção que a algaroba representa em suas vidas e na paisagem do lugar. Por sua vez, Delgado (2010, p. 16) se referindo a história oral e memória, especifica que:

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica, pelo processo de recordação, que inclui, ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente.

Embora algumas das pessoas que fizeram parte da amostra da pesquisa resistiram em relatar e opinar sobre a algarobeira e a relação desta com suas vidas, outros apreciaram a oportunidade como se pode visualizar na Figura 4. E, através de experiências exitosas como o caso registrado, conseguiu-se constituir um aporte experiencial/prático que, inclusive ultrapassa gerações, o qual fornece elementos, em potencial, para a formação de um quadro explicativo, pelo menos em termos, da percepção que se formou sobre a *Prosopis juliflora* (SW) DC nessa área, apesar de saber-se que lapsos de memória estão presentes como bem frisou Delgado (Ibid, 2010, p.16).



Figura 4. Coleta de História de Vida (Foto: Betânia Amador, 2010).

Portanto, os relatos advindos por ocasião da coleta das histórias orais possibilitaram, trazer à tona memórias e processos dinâmicos ocorridos em suas vidas considerados elementos substanciais das relações destes com os conteúdos do local onde residem, e as tramas existenciais de trocas entre os membros de um grupo e destes com a produção econômica vigente, tendo como foco a algarobeira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados compilados através da transcrição das histórias orais trouxeram ao conhecimento informações substanciais que poderão, inclusive, fazer repensar a posição da algarobeira no nordeste, pelo menos é o que se espera.

Ressalta-se, por exemplo, o valor comercial de sua madeira vendida com fins de abastecimento de pizzarias, panificadoras e outros do gênero, cujo preço ficou próximo dos R\$ 100.000,00, o que poderia vir a ser um incentivo para programas de reflorestamento com essa espécie vegetal de forma ordenada, obedecendo aos planos de manejo e as necessidades dos proprietários da produção, bem como atender a carência madeireira da região e poupar as árvores endêmicas da caatinga.

Também se pinça a informação do bom desempenho da produção de vagens e alimentação dos animais, salientando que se precisa providenciar uma educação ambiental para sanar problemas com o próprio rebanho e a natureza em si.

Outro ponto extraído da oralidade foi a questão da algarobeira não ser considerada adequada para a área urbana, mas o que se constatou por medições através do uso de um higrômetro foi o contrário, abaixo de sua copa o ar apresentou-se bem mais fresco que fora dela, pode parecer óbvio mas a medição feita com um higrômetro a altura da copa, evidenciou uma umidade relativa, sem grande diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, neste momento, pode-se afirmar que a algarobeira ainda suscita, muitas discussões entre aqueles que convivem com ela de alguma maneira, com base nas histórias de vidas coletadas, o que antes parecia ser um empate técnico entre seus benefícios/malefícios, agora se pode dizer que a mesma é vista mais como benéfica, uma vez que a mesma fornece alimentação de boa qualidade aos produtores locais para criação de gado e para a criação de animais de pequeno porte, como ovinos e caprinos.

Logo, como se pode constatar na fala de um dos entrevistados (Figura 4), **“se não fosse ela, não fosse a algarobeira, eu acho que principalmente os ruminantes de pequeno porte, eles estariam dizimados dessa região”**, além da utilização de sua madeira para produção de móveis, atividade a qual é bastante praticada em Monteiro - PB e sua ação de protetora do solo, atenuando os processos erosivos. No que se refere aos pontos negativos/malefícios, eles são mais vistos pela população urbana, uma vez que boa parte das pessoas entrevistadas na cidade afirmaram que a algarobeira ocasiona “a secura do ar”, ou seja, a percepção das pessoas é que ela retira a umidade do ar, como também ocasiona a dilatação das vias públicas.

Deste modo, foi possível verificar que o conhecimento acerca das histórias de vidas das pessoas que se relacionam com as algarobeiras de Monteiro - PB, foi de fundamental importância para se chegar as percepções dos significados que a algarobeira ostenta desde sua introdução na década de 40 até os dias atuais. Ou seja, obteve-se um delineamento da trajetória desse significado ao longo do tempo via resgate oral de memória que, até certo ponto, coincide com o exposto na literatura, mas, acredita-se que se conseguiu avançar no sentido da dinâmica das informações ricas em subjetividade, de significados, e suas inter-relações com o marco técnico e estanque presente no senso comum e em muitos trabalhos acadêmicos produzidos até então.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco - FACEPE e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de Iniciação Científica FACEPE/CNPq.

Também se expressa agradecimento especial a Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns pelo apoio recebido para participação nesse evento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

AMADOR, M. B. M. A algaroba no contexto da agropecuária agrestina: percepção ambiental na análise geográfica do espaço agrário dos municípios de Venturosa e Pedra – PE. **Revista OLAM Ciência & Tecnologia**. Rio Claro, SP, Ano VII. v. 7. n.1, p. 879-882. 2007.

_____. Redesenho de um agroecossistema pecuário com a presença da algarobeira: utopia ou possibilidades? In: **Congresso Cearense de Agroecologia**. Fortaleza, CE, UFC, 2008.

BOBBIO, F. O. Estudo do polissacarídeo da semente de algaroba. **Revista da Associação Brasileira de Algaroba**. Mossoró/RN, v. 1, n. 1. 1987.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

CORREA, R. L. **Trajетórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DELGADO, L. A, N. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, I. O diabo na rua, no meio do redemoinho: olhares sobre o espaço rural a partir da paisagem, da percepção e da arte. **Revista Agrária**. n. 6. 2007. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagraria/revistas/6/Texto2_Gomes.pdf. Acesso em: 28 de julho de 2009.

GUIMARÃES, S. T. Percepção ambiental: paisagens e valores. **Revista OLAM – Ciência e Tecnologia**. Rio Claro/SP. Ano IX, v. 9, n. 2, p. 275–301. Jan.-Jul. 2009.

GURGEL, J. C. Algaroba pode salvar o sertanejo durante a seca. **Tribuna do Norte**. Natal, RN, 10 de maio de 1998. Caderno Especial, p. 23.

JORDAN, D. Exclusivo: Desequilíbrio causado pela presença de espécie invasora ameaça biodiversidade da caatinga. **Ambientebrasil**. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br>. Acesso em: 27 de outubro de 2007.

MACHADO FILHO, H. O.; VIDAL, S. R. O. Florística dos cariris velhos na Paraíba: biodiversidade e problemas para a conservação. In: II **SEMILUSO – Seminário Luso-Brasileiro Agricultura Familiar e Desertificação**. Disponível em: <http://www.ufpe.br/gequa>. Acesso em 02 de novembro de 2009.

MARTINS, S. R. O desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações: Revista Internacional do Desenvolvimento Local**. v. 3. n. 5, p. 51–59. 2002.

MENDES, B. V. **Potencialidades de utilização da algaroba (*Prosopis juliflora* (SW) DC) no semi-árido brasileiro**. 2 ed. Mossoró: ABA 1989.

MEIHY, C. S. **Bom, manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NOBRE, F. V.; FERREIRA NETO, I. Estudo do aproveitamento de solos salinizados com a cultura da algarobeira. **Revista da Associação Brasileira de Algaroba**. v. 1. n. 3. Mossoró, RN, 1987.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 3. ed., 1. reimpresão, São Paulo: Rêspel, 2008.

PAIVA, H. N.; GONÇALVES, W. **Árvores para o ambiente urbano**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2004. 180 p. 2442p.

RIETVELD, J. J.; XAVIER, S. V. S.; SILVA, C. S. **A herança de Manoel Monteiro: duzentos anos de igreja católica em Monteiro (1800 – 2000)**. João Pessoa: IMPRELL, 2002.

SILVA, C. G. **Algaroba**. Disponível em: <http://www.ct.ufpb.br/laboratórios/lpfd/algaroba.htm>. Acesso em 29 de setembro de 2009.

SILVA, S. **A algarobeira (*Prosopis juliflora* (Sw) D.C.) no Nordeste do Brasil**. Brasília: SNAP/SPA, 1989.

_____. **Algarobeira**. Natal, RN: SEBRAE, 1987.

VENTURI, L. A. B. **Praticando geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

VILELA, B. P. Interpretação de signos e símbolos da cultura tradicional: as paisagens da bacia hidrográfica do Rio Caldas: Goiás: Brasil: tópicos metodológicos sobre “história de vida”. **Revista Ateliê Geográfico**. v. 1, n. 6. 2009.

Localização do Município de Monteiro na Microrregião do Cariri Ocidental no Estado da Paraíba. Disponível em: <http://www.ideme.pb.br/index.php>. Acesso em 26 de setembro de 2008.

DOCUMENTAÇÃO ORAL

As seguintes pessoas moradoras do município de Monteiro - PB prestaram depoimentos gravados à bolsista do PIBIC/FACEPE/CNPq, Maria Elisângela Ferreira da Gama: a) Inácio Teixeira de Carvalho; b) Jonildo Cordeiro Torres; c) Joelito Cordeiro Torres; d) Jorge Rafael de

Menezes; e) José Bonifácio Gomes; f) Jose Messias de Lima; g) Mauro Francisco Barbosa e h) Silvio Romero Nunes.